

Análise de textos históricos: problemas de pesquisa e explorações didáticas

FLORENCIA MIRANDA
florenciamiranda71@gmail.
com

Doutora em Linguística pela Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (2007)
Professora Titular da Universidad Nacional de Rosario, Argentina
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6907-1398>

PALAVRAS-CHAVE:
Textos Históricos;
Pesquisa;
Ensino de Línguas;
Interacionismo
Sociodiscursivo.

ARTIGO RECEBIDO A:
14/09/2025
ARTIGO APROVADO A:
21/11/2025

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão sobre a abordagem de textos históricos para a pesquisa e para o ensino de línguas. Para isso, apresenta-se primeiro uma noção de texto e uma definição de texto histórico, na perspectiva do Interacionismo Sociodiscursivo. Depois, há uma discussão sobre alguns dos problemas que devem ser considerados em pesquisas que precisam da análise de textos históricos. Finalmente, o trabalho traz algumas ideias sobre o tratamento de textos históricos em situação de ensino. Estas reflexões estão inscritas no desenvolvimento de projetos de pesquisa e de intervenção didática no âmbito do grupo internacional e interinstitucional “Historicidade dos textos e ensino de línguas” (HISTEL). Para exemplificar as questões centrais desta reflexão, recorre-se, por um lado, a exemplares textuais que fazem parte do corpus de um projeto de pesquisa sobre publicidades brasileiras do século XX e, por outro lado, a textos que têm sido utilizados como objetos para a formação de docentes de português como língua estrangeira na Argentina.



Analysis of Historical Texts: Research Problems and Didactic Explorations

FLORENCIA MIRANDA
florenciamiranda71@gmail.
com

PhD in Linguistics from the Universidade NOVA de Lisboa, Portugal (2007)
Professor at the Universidad Nacional de Rosario, Argentina
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6907-1398>

KEYWORDS:
Historical Texts;
Research;
Language Teaching;
Sociodiscursive
Interactionism.

ARTICLE RECEIVED ON:
09/14/2025
ARTICLE ACCEPTED ON:
11/21/2025

ABSTRACT: This article presents a reflection on the approach to historical texts for language research and teaching. To this end, it first presents a notion of text and a definition of historical text from the perspective of Sociodiscursive Interactionism. Next, there is a discussion of some of the problems that should be considered in research that requires the analysis of historical texts. Finally, the paper offers some ideas on the treatment of historical texts in teaching situations. These reflections are part of the development of research and teaching intervention projects within the international and interinstitutional group 'Historicity of Texts and Language Teaching' (HISTEL). To illustrate the central issues of this reflection, the paper draws, on the one hand, on textual examples that are part of the corpus of a research project on twentieth-century Brazilian advertising and, on the other, on texts that have been used as teaching materials in the training of teachers of Portuguese as a foreign language in Argentina.



INTRODUÇÃO

A análise de textos é uma atividade que se realiza de forma constante tanto em pesquisas sobre a linguagem como no ensino de línguas. Mesmo assumindo perspectivas diversas sobre o texto, em situações de pesquisa e/ou ensino, a análise de textos coloca sempre desafios importantes. Além do problema da escolha do referencial teórico e dos instrumentos de análise, uma questão que pode ser particularmente desafiante é como lidar com a historicidade (ou a dimensão histórica) dos textos. É sobre esse aspecto que proponho refletir no presente artigo.

Situada na perspectiva teórico-epistemológica do Interacionsimo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997, 2008, 2019, entre outros), e fazendo parte do grupo de pesquisa HISTEL¹ que vem problematizando nos últimos anos a dimensão histórica dos textos, começarei esta reflexão discutindo as noções de texto, historicidade e texto histórico. A partir disso, mostrarei dois casos de abordagem de textos históricos. O primeiro em situação de pesquisa e o segundo em situação de ensino.

Para exemplificar as questões centrais desta reflexão, recorrerei, por um lado, a exemplares textuais que fazem parte do corpus de um projeto de pesquisa sobre publicidades brasileiras do século XX² e, por outro lado, a textos que têm sido utilizados como recurso didático em uma disciplina do curso de formação de docentes de português como língua estrangeira na Universidad Nacional de Rosario (Argentina).

1. Trata-se do grupo internacional e interinstitucional HISTEL – “Historicidade dos textos e ensino de línguas”, coordenado por Joaquim Dolz, Valéria Gomes e Áurea Zavan. Ver <https://histel.com.br/>.

2. Projeto “*Análisis interdisciplinario de textos históricos en portugués (S.XIX-XX)*” dirigido por Diego Bussola na Universidade Nacional de Rosario para o período 2023-2026.

1. TEXTO, HISTORICIDADE E NOÇÃO DE “TEXTO HISTÓRICO”

Para iniciar a reflexão, é preciso definir claramente o que se entende por “texto histórico” no âmbito deste trabalho, mas antes disso, convém delimitar a própria noção de “texto”, assumindo que no complexo campo dos estudos linguísticos essa noção não é estável nem fixa.

Dentro do panorama diverso das teorias linguísticas textuais (Miranda, 2010, pp. 24-33), a linha que me interessa retomar aqui é a que assume o texto como objeto complexo. É nessa perspectiva que se podem situar, por exemplo, os estudos desenvolvidos no quadro do Interaçionismo Sociodiscursivo (Bronckart, 1997, 2008, 2019, entre outros).

Entendo o termo “complexo” em um sentido técnico, uma vez que me situo no paradigma epistemológico da complexidade (Morin, 2002) e assumo que o texto constitui um objeto (ou mesmo um “sistema”) complexo (Bernárdez, 1995, Miranda, 2010). Nesse sentido, o termo “complexo”, como sublinha Morin (2002), mantém o sentido etimológico do latim *complexus*: “o que inclui, o que rodeia”, participio passado de *complecti*, “abraçar, rodear”, e formado por *com-*, “junto”, mais *plectere*, “tecer, entrelaçar”. Nas palavras do autor:

complexus é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformaram numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça, para formar a unidade da complexidade; porém, a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram (Morin, 2002, p. 188).

Na mesma linha de reflexão, o linguista espanhol Enrique Bernárdez defende que o texto é um objeto complexo, ou ainda, um sistema complexo. Este autor propõe uma teoria do texto inscrita na perspectiva da complexidade ou, como o próprio autor explicita, na Caologia e, mais pontualmente, na Teoria das Catástrofes. Nesse âmbito, o autor identifica uma série de características dos objetos complexos (Bernárdez, 1995) que podemos sintetizar em cinco traços

fundamentais. O primeiro é que se trata de objetos naturais, ou seja, que não são produtos de laboratório ou criados de maneira artificial. O segundo aspecto é que a complexidade não diz respeito à quantidade de elementos que compõem o objeto, mas às formas de interação entre esses elementos. O terceiro traço é que se trata de objetos ou sistemas instáveis ou com falta de equilíbrio. O quarto é a sensibilidade ou dependência às condições iniciais de produção, ou seja, do contexto. Finalmente, o quinto traço é a necessidade de se realizar um estudo empírico.

Para o autor, o texto reúne todas essas características. Com efeito, a complexidade do texto tem a ver com o fato de ele ser um sistema que envolve diferentes subsistemas em interação e o caráter **complexo** surge, justamente, das formas de interação entre os elementos e não da quantidade de elementos que interagem. Além disso, para o autor, o texto é um sistema em interação com o contexto (Bernárdez, 1995, p. 69) e por isso deve ser compreendido como um sistema **aberto** que é influenciado pelo exterior (Bernárdez, 1995, p. 122). Isso explica a razão de não existirem dois textos iguais, já que não existem dois contextos completamente iguais (Bernárdez, 1995, p. 134). De fato, como o autor indica: “*la estructura de un texto no depende solamente de la gramática de la lengua, sino también, y fundamentalmente, de las características del productor, el receptor, el medio, la situación comunicativa, etc.*” (Bernárdez, 1995, p. 138).

Um outro aspecto importante é que, enquanto sistema aberto, um texto nunca se pode pre-dizer nem descrever de forma completa (Bernárdez, 1995, p. 139). Por fim, o autor também explicita que o texto constitui um sistema **dinâmico**. Os sistemas dinâmicos têm como característica principal a condição de variar com o tempo. No caso do texto, ele deve ser considerado um objeto dinâmico, de acordo com o autor, porque tanto a produção quanto a recepção se desenvolvem no tempo (Bernárdez, 1995, p. 138). Nesse sentido, o autor retoma uma metáfora de Enkvist (1987) que entende o texto como “paisagem depois da batalha” e afirma que o texto

não se deve considerar apenas um produto final, porque todo texto é esse produto mais a sua “história” (ou seja, os processos que produziram o texto, que também fazem parte dele) (Bernárdez, 1995, p. 137).

Em trabalhos anteriores (por exemplo, Miranda, 2010, p. 68), já retomei estas três características do texto mencionadas por Bernárdez para conformar uma definição que também inclui contribuições de outros teóricos (em particular, Bronckart, 1997 e Maingueneau, 1998). Assim, assumo que um texto é um objeto psico-sócio-semiótico complexo, aberto e dinâmico, que constitui uma unidade da comunicação linguística situada, podendo ser produzido por um ou mais sujeitos empíricos, em qualquer modalidade (oral, escrita ou multimodal) e em qualquer suporte. Também defendo, seguindo Bronckart (2004), que a produção de um texto implica um processo de adoção e adaptação de um modelo de gênero disponível no “arquitexto”. Esse “arquitexto” – termo que Bronckart propõe a partir de Genette (1982) – pode ser concebido como um repositório psico-sócio-histórico que cada pessoa constrói ao longo da vida, a partir de suas experiências textuais.

Para este artigo, interessa salientar em particular que os textos são produtos históricos. Por isso é importante observar um pouco mais em detalhe a noção de historicidade. Para tanto, retomo as seguintes palavras de Fernández Sebastián, que discute a noção de historicidade em relação com a história:

el término [...] «historicidad», que en una primera instancia se refería a la cualidad de verdaderos que distingue a los hechos (supuestamente) históricos (esto es, a los hechos ocurridos realmente, frente a los sucesos ficticios, legendarios o míticos), pasó a entenderse de un modo mucho más profundo como una cualidad inherente a la existencia humana misma, puesto que el hombre va construyendo su mundo y se va construyendo a sí mismo en el tiempo en condiciones históricas cambiantes (Fernández Sebastián, 2014, p. 38).

Neste sentido, a ideia de historicidade tem a ver com a compreensão do devir inevitável do tempo para a existência humana. Essa qualidade pode ser extrapolada tanto a fatos ou acontecimentos como também a objetos (como no caso do texto).

Por outro lado, e lembrando o posicionamento epistemológico assumido no Interacionismo Social em que situo esta reflexão, podemos retomar o “Manifesto” do Interacionismo (Bronckart et al., 1996), que explicita que a perspectiva histórica constitui o quadro necessário para as ciências sociais e humanas; ou seja, a historicidade não pode ser considerada uma consequência secundária nem uma dimensão assessória.

Finalmente, e no âmbito de uma teoria especificamente linguística, Coseriu considera a historicidade como um “universal” da linguagem. De fato, a historicidade é, para o autor, uma das cinco características constitutivas da linguagem, a saber: criatividade, semânticidade, alteridade, historicidade e materialidade. Para o autor:

L'historicité résulte de la créativité et de l'altérité. Elle signifie que la technique de l'activité linguistique se présente toujours sous la forme de systèmes traditionnels propres à des communautés historiques, systèmes qu'on appelle langues: ce qui se crée dans le langage se crée toujours dans une langue (Coseriu, 2001 [1999], s/p)

Finalmente, interessa pensar que, em relação ao texto, a dimensão histórica envolve necessariamente dois aspectos fundamentais. Por um lado, a historicidade dos textos diz respeito ao fato de todo texto ser dinâmico, porque a produção e a recepção do texto são processos que se desenvolvem, irreversivelmente, no tempo. Por outro lado, o texto está em interação com o momento histórico de sua produção e com o momento histórico de sua recepção, sendo que esses tempos podem coincidir ou não.

Como vemos, a noção de historicidade permite dar conta de uma característica fundamental dos textos: o fato de eles serem produtos elaborados e recebidos em certas circunstâncias, que implicam a dimensão histórica (o tempo) e a dimensão social e cultural (ou seja, a sociedade, com sua conformação, suas práticas, seus preconstruídos culturais etc.).

Todavia, o termo “histórico” pode também fazer referência especificamente ao passado. Assim, em um trabalho anterior (Bussola & Miranda, 2021), propusemos utilizar a expressão “textos históricos” para “referir o caso de textos que, sendo objeto empírico de análise em uma pesquisa, foram produzidos e circularam originalmente em condições sócio-temporais diferentes (e anteriores, como é óbvio) às da contemporaneidade do analista” (Bussola & Miranda, 2021, p. 2). Como explicitamos naquele mesmo artigo, isso não deve levar a pensar que a dimensão histórica dos textos tem a ver apenas com o passado. “Textos históricos” é uma expressão que pode servir como termo operacional, como categoria para a análise ou ainda, para o ensino, como veremos abaixo, pois é uma categoria que permite dar conta da relação de não-contemporaneidade entre o texto e a pessoa que o analisa, mas não implica assumir que existam textos “a-históricos”. Os textos contemporâneos são também “históricos” no sentido da dimensão de historicidade que definimos nesta seção do trabalho.

Vejamos agora dois exemplos de textos que circularam no Brasil e que poderiam fazer parte de uma pesquisa ou de uma aula de português (aliás, esse é o caso destes textos). O exemplo da **Figura 1** é um anúncio de 1972 da Companhia Telefônica Brasileira que apresenta os “modernos telefones públicos” que estavam sendo instalados na cidade de São Paulo na época. E a **Figura 2** mostra um outdoor, que é um dos vários exemplares similares que circularam na baixada santista (SP, Brasil) em março de 2020.

Ambos os textos devem ser situados na época exata de sua publicação para poder analisar o conteúdo proposicional e compreender os jogos de sentido que se produzem em cada um. Por exemplo, no caso do texto da **Figura 1**, devemos observar primeiramente que o texto foi publicado no jornal Folha de São Paulo no dia 25 de janeiro e é necessário saber que nesse dia se comemora o aniversário da cidade. Isto permite compreender por que os novos telefones de uso público (TUPs no Brasil) são apresentados como um “presente de aniversário”. Também é preciso entender que em janeiro de 1972, ou seja, na época em que os telefones públicos foram instalados, ainda ninguém utilizava o nome de “orelhão” para se referir a eles. E, de fato, este texto permite demonstrar que esse nome não foi uma criação popular, mas uma construção publicitária. Assim, no título ou chamada do anúncio, vemos uma listagem de possíveis expressões que poderiam ser adotadas como denominação popular ou, como se diz no próprio anúncio, como “apelidos que eles fatalmente receberão”, a saber: “capacete de astronauta, secador de cabelos, ovo de dinossauro, orelhão”. Todas as expressões descrevem a forma dos novos equipamentos de rua, mas o termo que aparece no fim da enumeração – e que fica mais facilmente na memória de quem lê – parece ser a expressão mais curta e fácil de replicar, o que, sem dúvida, a história do uso desse termo permite comprovar.

Figura 1 – Anúncio da CBT

Fonte – Folha de São Paulo, 25 de janeiro de 1972



Quanto à análise do texto da Figura 2, para começar é necessário situar temporalmente a produção/circulação em março de 2020, época da declaração da pandemia da COVID 19. Só a partir daí é possível compreender todos os elementos que intervêm na composição textual. Com efeito, sem a localização histórica do texto, seria impossível compreender os sentidos

que se criam na construção do enunciado “Todos juntos separados contra o coronavírus” ou no questionamento “você está fazendo o que na rua?”. Em ambos os casos, é preciso situar os enunciados no quadro do isolamento físico social obrigatório da época, o que implicava a exigência de as pessoas estarem separadas (embora juntas na luta contra a doença) e em casa (não na rua)³.

3. Uma análise desse texto pode ser consultada em Miranda (2023, p. 14-16).

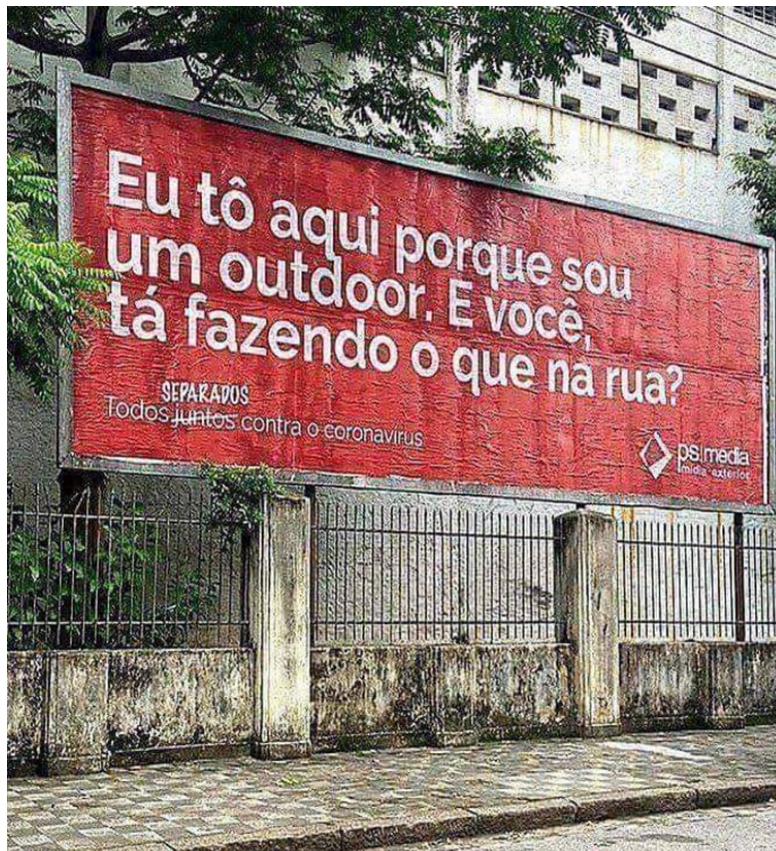


Figura 2 – Outdoor da PS-Média (Brasil)

Fonte – Bonin, R “Empresa de outdoors entra na campanha contra o vírus: fique em casa!”. Veja on-line, 22 de março de 2020. Recuperado de <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/empresa-de-outdoors-entra-na-campanha-contra-o-virus-fique-em-casa/>.

Estes dois exemplos permitem observar como a categoria de “textos históricos” pode ser aplicada a objetos que foram produzidos em momentos históricos diferentes da atualidade da pessoa que faz a análise (o que, como veremos, pode ser em situação de pesquisa ou de ensino). Essa diferença histórica não se refere apenas aos casos em que existe uma grande distância temporal (como no exemplo da Figura 1 situado em 1972 e o ano atual de 2025), mas também podemos pensar que os diferentes momentos históricos podem ser mais próximos e diferenciáveis por fatores diversos, como no caso da distância de uns poucos anos entre o tempo da pandemia (entre 2020 e 2022) e o meu presente da escrita deste artigo (2025).

2. OS TEXTOS HISTÓRICOS EM SITUAÇÃO DE PESQUISA E DE ENSINO

Neste item, proponho refletir sobre alguns aspectos relevantes acerca do trabalho com (sobre ou a partir de) textos históricos em ações de pesquisa ou de ensino de línguas. Para tanto, apresentarei algumas das questões principais a levar em consideração nessas situações, mostrando exemplos concretos tanto de uma pesquisa realizada como de abordagens didáticas experimentadas em aulas de português.

2.1. ANÁLISE DE TEXTOS HISTÓRICOS EM SITUAÇÃO DE PESQUISA

Para quem vai realizar uma pesquisa da área da linguagem ou mesmo em outras áreas das ciências sociais e humanas, a análise de textos históricos (no sentido em que o conceito se definiu no item anterior) coloca uma série de problemas que vale a pena explicitar e observar com atenção. Desses possíveis problemas, vou comentar dois. Por um lado, a questão da (des) contextualização e, por outro lado, o risco do olhar anacrônico. Ambos os problemas têm a ver com a relação entre o texto e o(s) contexto(s).

O primeiro problema, que se refere à (des)contextualização, coloca a questão do conhecimento (ou desconhecimento) do contexto de produção ou circulação original texto. O que a pessoa que analisa sabe sobre esse momento histórico particular em que o texto foi produzido ou começou a circular? O que é necessário saber desse momento para a análise? Em qualquer caso, iniciar a análise de um texto que não é atual para o/a analista implica a necessidade de se realizar uma primeira caracterização da época para poder avançar na compreensão de diferentes aspectos envolvidos na textualização (desde a escolha do léxico até os processos de intertextualidade ou intertextualização, como mostrarei abaixo).

Esse mesmo problema da contextualização leva a questionar um outro aspecto importante: a confiabilidade da fonte. De fato, muitas vezes é possível encontrar textos históricos fora do contexto de circulação original (por exemplo, a imagem de um anúncio publicitário como na Figura 1 ou uma fotografia de um outdoor como na Figura 2 que se podem encontrar em vários sites na internet). Nesse caso, é preciso realizar uma busca de informação adicional, recorrendo a outras fontes que permitam confirmar dados da produção e da circulação original do texto, para evitar extrapolações que possam confundir os resultados da análise.

O segundo problema que mencionava acima, o do risco do olhar anacrônico, diz respeito a duas possibilidades de leitura do texto que estão relacionadas e são igualmente perigosas. Por um lado, a interpretação do texto segundo parâmetros e concepções contemporâneas e, por outro lado, a “tradução” do texto para contexto e/ou a língua ou discurso da atualidade da pessoa que analisa.

Fora dos âmbitos da pesquisa ou do ensino, um caso famoso em que o risco da leitura anacrônica de um texto teve consequências editoriais foi o romance da Agatha Christie publicado

4. No Brasil, por exemplo, a obra tinha o título “O caso dos dez negrinhos” e, nas edições mais recentes, mudou para “E não sobrou nenhum”.

5. É interessante observar que os termos “fusca” e “fusão” aparecem dicionarizados no Brasil a partir da década de 80, tal como se mostra em Bussola e Miranda (2021, p. 15). Assim, vemos no dicionário Aurélio de 1986 as seguintes definições:

fusca. S.m.Bras. Pop. Automóvel Volkswagen de motor de 1200 ou 1300 cilindradas; fusquinha [...]

fusão. [Aum. de fusca] S.m. Bras. Pop. Automóvel Volkswagen de motor de 1500 cilindradas (Ferreira, 1986).

em 1939 com o título “*Ten little niggers*”, frase que retomava uma canção da época, e que posteriormente foi substituído por “*And then there were none*” tanto em edições em inglês como em traduções para outras línguas⁴. Essa decisão editorial pode ser discutida ou não, mas de qualquer forma deve ser julgada nesse âmbito particular. Ora, em situação de pesquisa (e também de ensino) interessa compreender a decisão original da autora da obra e como essa escolha dialoga com a época de produção do texto.

Um exemplo específico de pesquisa sobre textos históricos pode ser consultado no trabalho de Bussola e Miranda (2021), no qual apresentamos um estudo sobre uma campanha publicitária da Volkswagen no Brasil. Nesse caso, abordamos o surgimento do nome utilizado no Brasil para o carro VW 1300, “Fusca”, entendendo esse nome como uma construção histórica que não foi desde sempre a forma de designar o carro, embora a nossa tentação desde o início da pesquisa tenha sido dizer que todos os textos que queríamos analisar eram anúncios do “Fusca”. Todavia, observamos que os primeiros anúncios não utilizavam esse nome (ou “apelido”), que, como pudemos verificar, foi criado popularmente pela comunidade de fala e, mais tarde, utilizado na imprensa e reutilizado, só depois, pelo campo publicitário (Bussola & Miranda 2021, p. 13-14). Nesse sentido, e observando a questão da denominação em perspectiva histórica, os primeiros anúncios publicitários desse carro não podem ser considerados anúncios do “Fusca”, mas do VW 1300. Contrariamente, o nome “Fusão”, utilizado para o VW1500, aparece sem dúvidas como uma elaboração publicitária que depois ficou instalada no uso corrente⁵.

Assim, a relação entre publicidade e denominação dos produtos é um fenômeno que deve ser analisado com rigor histórico. Um outro exemplo desta relação pode ser observado no caso da denominação de “orelhão” para o telefone público no Brasil que, como se vê no anúncio da Figura 1, aparece como uma opção proposta desde a publicidade, em um processo oposto ao do Fusca, mas próximo ao do Fusão.

Para realizar a análise da relação entre a denominação do produto (VW1300 / Fusca) foi preciso assumir uma série de decisões de pesquisa e desenvolver ações particulares. Em primeiro lugar, fizemos um estudo do processo de instalação do produto no Brasil, identificando questões históricas e socioculturais relevantes. Depois, conformamos um corpus de anúncios publicitários (definindo critérios temporais, espaciais, de suporte e temáticos), a partir de publicações disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira. A partir daí, desenvolvemos um estudo do processo da publicidade do carro (e, em particular, da identificação/denominação do produto), em relação com acontecimentos específicos. Para isso, também recorremos a outros textos da época (por exemplo, textos jornalísticos) com o intuito de obter informações relevantes.

O que este exemplo mostra é que, para realizar pesquisas sobre textos históricos, é preciso tomar algumas decisões e definir ações para um processo investigativo rigoroso. Isto implica, a meu ver, adotar uma perspectiva descendente para a análise (Voloshinov 2009 [1929], p. 155; Bronckart, 2004, p. 104) que vá do social para os elementos linguísticos. De maneira que o primeiro passo é situar o texto em tempo e espaço (momento histórico e sociedade) para assim estudar aspectos relevantes da época e da sociedade em que o texto se produziu e circulou e, só a partir daí, realizar a análise linguística-discursiva. Além disso, é necessário consultar fontes institucionalizadas (e não apenas arquivos pessoais) e duvidar sempre do nosso senso comum e dos nossos pressupostos.

2.2. ANÁLISE DE TEXTOS HISTÓRICOS EM SITUAÇÃO DE ENSINO

Para uma situação de ensino em que propomos trabalhar com (ou sobre) textos históricos, as observações realizadas acima são também pertinentes. Fundamentalmente porque a abordagem didática dessa classe de textos também exige adotar uma metodologia de análise descen-

dente (entendendo esta como uma transposição para o ensino da perspectiva de Voloshinov (2009 [1929], p. 155)).

Vejamos, por exemplo, dois anúncios do *corpus* sobre o carro VW1300 (“Fusca”) que também utilizei como recurso didático em aulas de português e que se reproduzem na Figura 3 e na Figura 4.

Figura 3 – Anúncio

Fonte – Revista Manchete, Ed. 807,
1967, p. 109

Ele

de manhã vai ao trabalho e volta à noite.

Ela

leva as crianças à escola, vai à feira, vai ao cabeleireiro, vai buscar mamãe, busca as crianças da escola, busca os sobrinhos para brincarem com as crianças que voltaram da escola, vai à costureira, leva mamãe para casa, vai fazer compras na cidade, devolve os sobrinhos, vai visitar as amigas, vai ver como tita Celina está passando, volta à casa de uma amiga para apanhar a bolsa que tinha esquecido etc. etc. etc.

Não é justo que ela tenha um Volkswagen só para ela?

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S.A.

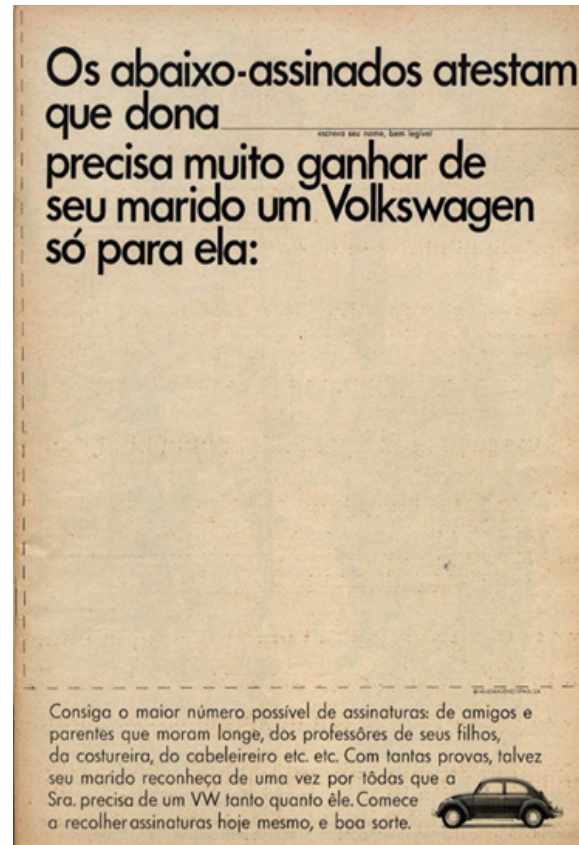
Para propor qualquer trabalho didático com textos históricos, devemos partir de uma análise das características do contexto sócio-histórico de produção e circulação do texto. Por exemplo, se tomássemos o caso do texto reproduzido na Figura 3, podemos fazer essa primeira abordagem a partir de dar resposta a perguntas como as seguintes: Que sociedade era aquela? O que estava acontecendo na época? Qual era o lugar do carro, da publicidade, da imprensa... nessa sociedade? O que sabemos da revista Manchete, que publicou o texto? Qual era o lugar dos homens e das mulheres nessa sociedade, nesse momento histórico? Quem produziu esse texto e com que finalidades? Para quem se produziu esse texto? etc.

Depois disso, podemos aprofundar a análise da organização interna do texto. Alguns eixos de interesse são: os processos de composicionalidade, nos quais se articulam os elementos verbais e não verbais, incluindo, entre outros elementos, a distribuição espacial dos componentes, a presença dos “títulos” “Ele” e “Ela”, a organização enumerativa com finalidade argumentativa do constituinte verbal em cada seção e a ocorrência da interrogativa em posição final. Ou, por outro lado, a caracterização da família e das figuras do homem e da mulher, suas atividades e a relação com o carro (objeto do anúncio).

Além disso, esse texto deve ser observado como parte de uma campanha publicitária e não apenas como o texto singular que ele é. De fato, o texto dialoga intertextualmente com outros textos da época, que pretendiam instalar a ideia de que o carro em questão era ideal para funcionar como segundo carro familiar ou como o carro das esposas.

Figura 4 – Anúncio

Fonte – Revista Manchete, Ed. 789,
1967, p.11



No texto reproduzido na Figura 4, vemos um outro exemplar da mesma campanha publicitária da Volkswagen. Nesse caso, o texto foi construído recorrendo a um processo que em trabalhos anteriores chamamos de “intertextualização” (ver, por exemplo, Miranda, 2010). Esse processo é o resultado da articulação, no espaço de um único texto, de traços característicos de gêneros textuais diferentes (ou “marcadores de gênero”, tal como os denominei em outros

trabalhos). Assim, este anúncio publicitário simula ser um “abaixo-assinado”. Trata-se de um documento de produção coletiva, com uma solicitação de um grupo de pessoas que assina. A presença do abaixo-assinado no anúncio cria o processo de intertextualização. Esse processo pode ser identificado a partir da ocorrência de pistas semióticas explícitas ou implícitas. Como vemos, o texto apresenta uma espécie de formulário, que contém a expressão ritualizada “os abaixo-assinados atestam” e uma lacuna para ser preenchida com o nome da destinatária da peça publicitária (“a Sra.”), já que, debaixo da linha e depois da palavra “dona”, lemos o enunciado “escreva seu nome, bem legível”. Esse segmento do texto fecha com dois pontos e um grande espaço branco, demarcado por uma linha pontilhada. O espaço corresponderia à seção em que se colocam as assinaturas das pessoas que apoiariam essa causa (isto é, a causa de o marido dever comprar um carro só para a esposa). Segundo o texto, as pessoas que apoiariam a causa seriam os amigos, os parentes que moram longe, os professores dos filhos, a costureira e o cabeleireiro. No texto subjazem, então, diversos preconstruídos, representações e pressupostos. Seria de grande interesse explorar em sala de aula esses aspectos para aprofundar a análise. Por exemplo, inferimos que os maridos trabalham e já têm carro, enquanto as mulheres – que não têm carro – tomam conta dos filhos, visitam amigos e parentes e vão ao cabeleireiro e à costureira. Portanto, e para realizar uma abordagem didática desse objeto que não fique apenas exprimindo o nosso olhar atual nem os preconceitos com que hoje (em 2025) podemos ler esse texto, é preciso situar com bastante rigor a produção e circulação desse texto no Brasil do ano 1967.

Nesse sentido, podemos pensar que as atividades didáticas de compreensão de textos devem partir de uma análise “descendente” e considerar, em primeiro lugar, aspectos relevantes do contexto sócio-histórico da produção e circulação do texto. Isto é, começar por uma localização temporal explícita e por uma caracterização, mesmo que rudimentar e incipiente, da socie-

dade em que esse texto foi produzido. Por outro lado, retomando os exemplares comentados acima, precisamos situar a produção e a circulação “original” desses textos no ano de 1967, no Brasil urbano. Que sociedade era essa? Que família era aquela que se mostra nos anúncios? Que destinatário esses anúncios teriam? Esse ponto de partida permite dar o primeiro passo para uma leitura situada dos textos. Além disso, uma leitura em paralelo com outros textos da mesma época (por exemplo, textos jornalísticos) pode permitir criar uma ponte para entrar em um contexto diferente e que deve ser interpretado a partir de parâmetros sociais que não são os mesmos de hoje.

Por outro lado, um trabalho didático com textos históricos permite refletir igualmente sobre a atividade de produção textual, já que as propostas de ensino da escrita e da fala costumam pressupor que o momento da produção e de circulação do texto em situação de aula coincida com o momento “real” ou atual e não com outros momentos históricos. Mas a localização temporal da produção de textos é absolutamente relevante, já que não se fala nem se escreve da mesma forma em todas as épocas, e isso também deve ser um objeto de ensino.

Produzir um texto é produzir um objeto historicamente situado e, portanto, esse texto dialoga necessariamente com os outros textos contemporâneos a ele e do seu passado. Assim, vale a pena criar condições para desenvolver experiências didáticas que problematizem esta relação entre os textos e o momento histórico, para refletir com maior profundidade sobre o próprio processo da interação discursiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise de textos históricos é uma prática que permite compreender, quer em situação de pesquisa, quer em situação de ensino, uma das características fundamentais dos textos e dos gêneros textuais enquanto objetos complexos: a historicidade.

Para realizar a análise, é preciso respeitar a localização histórica dos textos e evitar os anacronismos, as “traduções” e certas transposições ou deslocamentos que podem modificar os sentidos e as interações originais do texto.

No caso da análise para a pesquisa, e tal como mostramos em um trabalho anterior (Bussola e Miranda, 2021, p. 17), realizar a busca dos exemplares textuais em arquivos institucionais permite evitar alguns dos riscos em relação a uma possível descontextualização, o que nos pode levar a fazer uma leitura anacrônica na interpretação dos textos. Já no âmbito do ensino de línguas, considero que observar a dimensão histórica dos textos é uma mais-valia poderosa, dado que permite apreender mais profundamente os próprios processos de compreensão e produção textual no quadro de interações discursivas situadas. A meu ver, a problemática da análise dos textos históricos ainda está pouco explorada nesse campo e é necessário desenvolver mais estudos e criar instrumentos de intervenção didática apropriados.

REFERÊNCIAS

- Bernárdez, E. (1995). *Teoría y epistemología del texto*. Cátedra.
- Bronckart, J-P. (1997). *Activité langagière, textes et discours. Pour un interactionisme socio-discursif*. Delachaux et Niestlé.
- Bronckart, J-P. (2004). Les genres de textes et leur contribution au développement psychologique. *Langages*, 153, 98-108.
- Bronckart, J-P. (2008). Genres de textes, types de discours et « degrés » de langue. Hommage à François Rastier. *Textol*, XIII(1). http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf
- Bronckart, J-P. (2019). L'interactionnisme sociodiscursif. Activité langagière, textes, états de langue. In Bronckart, Jean-Paul. *Théories du langage: Nouvelle introduction critique* (pp. 277-296). Mardaga. <https://doi.org/10.3917/mard.bronc.2019.01>
- Bronckart, J-P., Clémence, A., Schneuwly, B. & Schurmans, M-R. (1996). *Manifeste*. https://isd-international.org/site/wp-content/uploads/2017/11/Manifeste_FR1996.pdf
- Bussola, D.; Miranda, F. (2021). Problemas metodológicos para a análise de textos históricos: o caso “Fusca” (1950-1970). *Eutomia*, 29(1), 1-18.
- Coseriu, E. (2001). Dix thèses à propos de l'essence : du langage et du signifié. *Textol*, VI(2). http://www.revue-texto.net/Inedits/Coseriu_Theses.html
- Enkvist, N. E. (1987). Estilística, lingüística del texto y composición. In: Bernárdez, Enrique. *Lingüística del texto* (pp. 131-150). Arcos Libros S.A.
- Fernández Sebastián, J. (2014). Historia, historiografía, historicidad. Conciencia histórica y cambio conceptual. In M. Suárez Cortina (coord.), *Europa del sur y América Latina: perspectivas historiográficas* (pp. 35-64). Biblioteca Nueva.
- Genette, G. (1982). *Palimpsestes*. Seuil.
- Maingueneau, D. (1998). *Analyser les textes de communication*. Dunod.
- Miranda, F. (2010). *Textos e géneros em diálogo. Uma abordagem linguística da intertextualização*. Fundação C. Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Miranda, F. (2023). A análise de textos na formação de professores de português como língua estrangeira: uma proposta interacionista. *Perspectiva*, 41(4), 01-21. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/92213>

Morin, E. (2002). *Ciência com consciência*. Bertrand Brasil.

Voloshinov, V. (2009). *El marxismo y la filosofía del lenguaje*. Godot.

